

CINCO PASSEIOS PELO BOSQUE DA FICÇÃO: LEITURA E ESCRITA NO PONTO_BALE_CTI_EB

Renata Paiva de Freitas
Graduanda de Pedagogia/UERN
Maria Leidiana Alves
Professora da Educação Básica/SEEC
Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Professora do Curso de Pedagogia/UERN

RESUMO: Faremos um passeio pelo bosque da ficção, proporcionado pela 7ª edição do Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), com parada na ação *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*, buscando conhecer como e se esta desenvolveu ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI – EB (Ciência, Tecnologia e Inovação na Educação Básica), tendo como estratégia os cinco “Canteiros”: Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita), conforme objetivo geral do programa. Guiados por autores como Marcuschi (2008), Eco (1986, 1994), Bakhtin (1997), Geraldi (1999), Antunes (2003), Fávero (2005), Citelli (2003), dentre outros, analisaremos, nos planos de ação, as estratégias desenvolvidas em cinco oficinas sobre obras do PSV 2014 (Processo Seletivo Vacionado), da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte). Desse passeio, trazemos como bagagem o (re)conhecimento de um trabalho voltado para a formação de proficientes leitores e produtores de textos, cumprindo com o objetivo geral do Programa BALE_CTI_EB de viabilizar o acesso ao texto literário, bem como a outros suportes e gêneros, disseminando o gosto pela leitura, a formação de novos leitores e mediadores de leitura.

Palavras-chaves: Ponto BALE_CTI_EB, Ficção, Leitura, Produção.

Já que se pode passear num bosque sem ir a nenhum lugar específico e já que às vezes é divertido se perder por puro prazer, vou falar daqueles passeios que a estratégia do autor induz o leitor a dar. (ECO, 1994, p.56).

1 Enveredando o caminho

Nesse espaço, compartilhamos com o leitor, experiências que vivenciamos na viagem feita ao mundo mágico da leitura e da escrita, proporcionada pelo programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), em sua 7ª edição *Pontos BALE – CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação): entre canteiros da leitura e produção*, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em parceria com a SEEC/RN (Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte) e em execução pela FAPERN (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Norte) e pelo CNPq (Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Com esse intuito, apresentamos aqui as trilhas desse caminho percorrido por sua equipe, composta por professores e alunos do ensino superior, da graduação e da comunidade em geral. Convidamos o leitor a seguir conosco nesse passeio. Nossa parada é no *PONTO_BALE_CTI_EB*, mais especificamente na atividade desenvolvida pelo programa BALE, *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*, destacando como esta atendeu aos objetivos do programa, em especial, o objetivo geral de desenvolver ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI – EB (Ciência, Tecnologia e Inovação na Educação Básica), tendo como estratégia os cinco “Canteiros”: **Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção**, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita).

Guia-nos nesse caminho, a visão de leitura como construção de sentidos, na variedade de gêneros textuais emergentes das ferramentas CTI, conforme olhar de Sampaio (2008), Amarilha (1997), Marcuschi (2008), Eco (1986, 1994); e de escrita enquanto atividade interativa e exercício da faculdade de linguagem também realizada, materializada nos mais variados gêneros textuais, mediante Bakhtin (1997), Geraldini (1999), Antunes (2003), Fávero (2005), Citelli (2003), dentre outros. Conheçamos um pouco nosso percurso.

1.1 Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB: cinco passeios pelo bosque da ficção

Para darmos andamento a nosso passeio, é preciso que conheçamos nosso roteiro de viagem. Para tanto, apreciemos a ampla vista sobre o Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), que é uma ação extensionista do Departamento de Educação, em parceria com o Departamento de Letras, do *Campus Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM)*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), idealizado pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas, tendo suas atividades iniciadas em 2007, nos bairros São Geraldo e Riacho do Meio em Pau dos Ferros. Com o objetivo principal de viabilizar o acesso ao texto literário, bem como a outros suportes e gêneros e disseminar o gosto pela leitura, a formação de novos leitores e mediadores de leitura, em sua 7ª edição, objetiva viabilizar ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI–EB, tendo como estratégia cinco “Canteiros”, a saber: **Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção**, em articulação com o desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita), voltadas para alunos do Ensino Médio dos Municípios de Pau dos

Ferros/RN e Umarizal/RN, favorecendo a democratização da leitura e eficientes produtores de textos. Assim, realiza ações em “canteiros” que contemplem as diferentes artes como, a literária, artes cênicas e circenses, arte-educação, arte cinematográfica aliada a musical, bem como a arte digital, nas XIV e XV DIREDs, com realização de visitas semanais e alternadas (quinzenalmente) às escolas de Pau dos Ferros/RN, Umarizal/RN e Frutuoso Gomes/RN.

Uma vez que visa contribuir com a formação leitora de sua equipe, constituída também por alunos do ensino médio, o programa BALE, em sua 7ª edição nos proporcionou, inicialmente, de acordo, com a proposta do programa para o **Canteiro Formação** (BALE_FORMAÇÃO), o desenvolvimento de duas oficinas de capacitação com os professores supervisores, bibliotecários e estudantes de Iniciação Científica (PIBIC e PIBIC Jr.), envolvendo as temáticas de leitura e produção de textos durante o primeiro mês de atividade da proposta. As oficinas, além de proporcionarem a capacitação da equipe, deram suporte na elaboração dos materiais didáticos para a execução de cada etapa, colaborando, assim, numa formação de graduandos e estudantes do Ensino Médio voltada para a Iniciação à pesquisa científica, tecnológica e de inovação, na medida em que se formam ao formarem outrem.

Proporcionada a capacitação da equipe, o programa BALE nos conduziu a cinco passeios pelo bosque da ficção, que compreendem as cinco obras literárias exigidas pelo Processo Seletivo Vocacionado 2014, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A saber: O horto, de Auta de Souza, A rosa do povo, de Carlos Drummond de Andrade, Laços de família, de Clarice Lispector, Fogo morto, de José Lins do Rêgo e Esaú e Jacó de Machado de Assis. Como resultado do passeio por essas cinco obras, desenvolveu a ação “Literatura e vestibular PONTO_BALE_CTI_EB” via (FAPERN, CAPES e CNPq) que consistiu em cinco oficinas sobre cada obra. As oficinas foram oferecidas no período de 27 a 31 de janeiro de 2014, em Frutuoso Gomes/Umarizal (NAESU) e no período de 30 a 31 de janeiro de 2014, em Pau dos Ferros (CAMEAM). O quadro a seguir resume os planos de ação de cada oficina oferecida.

Quadro 1 - Resumo dos planos de ação das oficinas oferecidas na ação *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*.

OFICINAS	ESTRATÉGIAS
O SOMBRIO NA VIDA E OBRA DE AUTA DE SOUZA 30 de janeiro de 2014 7h às 12h	• Apresentação de slides (autor, obra e contexto histórico) – Júlio César, Ana Clarice e Beatriz • Documentário: Auta de Souza; • Declamação das principais poesias da obra; - todos • Análise dos poemas apresentados. • Leitura, interpretação e produção escrita a partir da aplicação de

	simulado de vestibulares com perguntas sobre a obra O Horto.
A ROSA DO POVO OFERTADA AOS VESTIBULANDOS 30 de janeiro de 2014 19h às 22h	• Apresentação de slides (autor, obra e contexto histórico) – Renata e Mylena • Apresentação de alguns poemas em forma de sarau – Ana Clarice, Beatriz e Giuliany • Leitura, interpretação e produção escrita a partir da aplicação de simulado de vestibulares com perguntas sobre a obra A rosa do povo. Leidiana
LAÇOS DE FAMÍLIA – DE CONTO EM CONTO 31 de janeiro de 2014 7h às 12h	• Sondagem sobre a obra e os contos • Apresentação da Obra e da autora • Encenação Teatral com o conto “ Laços de Família” • Aprofundamento com a obra mediante as questões de vestibulares anteriores • Discussão das questões. • Apresentação de uma breve encenação sobre o conto Laços de Família
FOGO MORTO: ENTRE O ROMANCE E O FILME 31 de janeiro de 2014 7h às 12h	• Apresentação da obra; (Obra dividida em três partes – Encenação da 1ª parte, apresentação oral da 2ª e da 3ª parte). • Conversa sobre aspectos gerais e específicos da obra (autor, movimento literário, título, linguagem, espaço, tempo, ciclo da cana de açúcar, instauração das usinas, estrutura da obra: três partes) pelo prof. José Vilian Mangueira; • Conversa sobre o conceito de mídia, especificidades e diferenças entre as mídias livro e filme; • Apreciação do filme “Fogo Morto”; • Questionamento oral sobre a existência ou não de semelhanças entre o filme e o romance; • Simulado sobre aspectos relacionados ao livro e ao filme através da dinâmica das bexigas; • Divisão da sala em três grupos (cada grupo ficará com uma parte da obra e deverá defender um personagem);
ESAÚ E JACÓ: O DUPLO NA OBRA MACHADIANA 31 de janeiro de 2014 13h às 17h	• Apresentação de slides (autor) – Érida, Brena e Sara; • Apresentação dos personagens (Sara); • Apresentação da obra e contexto histórico e encenação da obra e comentário crítico da obra – Alisson, Vinicius, Sara, Amanda, Brenda e Cláudia Magna; Sara Amanda; • Interpretação e produção escrita a partir da aplicação de simulado de vestibulares com perguntas sobre a obra Esaú e Jacó. Sara, Brenda, Cláudia Magna, Érida, Alisson, Maikon e Vinicius.

Fonte: Baseado em arquivo do Programa BALE, 7ª Edição, PONTO BALE_CTI_EB (Ciência Tecnologia e Inovação na Educação Básica).

Vale salientar que todas as oficinas apresentaram uma proposta de produção escrita e oral que consistiu na apresentação de um comentário geral sobre a obra trabalhada na oficina, enfocando aspectos relacionados a seu contexto histórico, principais temas abordados, bem como a peculiaridade do autor e ainda um comentário oral ou escrito sobre a iniciativa do Programa BALE de promover as oficinas sobre as obras do PSV 2014. Iniciemos nosso passeio.

2 Enveredando nosso passeio pelo bosque, algumas noções de leitura e produção oral e escrita

Buscando contribuições em Bakhtin, compartilhamos da noção de língua enquanto realização social, atividade e processo de interação entre os sujeitos, por compreendermos que é por meio da linguagem que agimos e nos construímos enquanto sujeitos na sociedade. É, portanto, por meio dos diversos textos, materializados nos mais diversos gêneros textuais, que o sujeito atua sobre a sociedade.

Sendo assim, considerar a língua nessa perspectiva, implica assumirmos outro posicionamento que vem sendo aceito e discutido em nosso país, a ideia de que o texto seja a base do processo de ensino aprendizagem. Conforme nos orienta Geraldi (1984), inicialmente, em seu livro *o texto na sala de aula: leitura e produção*, obra de grande relevância nesse processo uma vez que discute e orienta a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua.

Sem negar a existência da polêmica dicotomia entre oralidade e escrita, neste trabalho assumimos a posição defendida por Fávero (2009), Koch e Elias (2009), Marcuschi (1995), dentre outros, de que fala e escrita não podem ser concebidas de maneira dissociada, uma vez que estas se influenciam mutuamente embora guardem cada uma sua particularidade em função do objetivo de comunicação, do contexto situacional e do gênero textual em que se materializa. Assim, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2008, p.13. Grifo do autor). As diversas produções textuais seriam, pois, situadas nesse *continuum* considerando-se diversos fatores que estão relacionados ao atendimento a determinado objetivo comunicativo.

Nesses termos, adotamos o posicionamento orientado por Sartre (1999) de que o processo de escrita, em seu caráter dialético, inclui o processo da leitura, sendo dois atos dependentes um do outro que exigem a participação de sujeitos ativos. Assumindo essa postura e para efeito didático, apresentamos alguns aspectos da leitura e da escrita que embasam nosso trabalho. Para tanto, nos reportamos às palavras de Antunes (2003), quando afirma que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na construção do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. (ANTUNES, 2003, p.66).

Nas palavras da autora, percebemos claramente o caráter dialógico que perpassa o processo de leitura e de escrita que demandam o envolvimento de sujeitos ativos, que constroem sentidos, uma vez que este não está definitivamente posto na materialidade linguística do texto. Essa assertiva nos remete a noção da Estética da Recepção, teoria literária que considera o sistema literário como um jogo articulatório que implica produção, recepção e comunicação e, nesse sentido, pressupõe uma relação dialética entre autor, obra e leitor. Dentre tantos expoentes dessa teoria, recorreremos às contribuições do italiano Umberto Eco (1986) sobre o conceito de espaços vazios na literatura. Segundo ele:

O texto está, pois entremeadado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e que o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou branco por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu [...] Em segundo lugar, porque a medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem de univocidade. Todo texto quer alguém que o ajude a funcionar. (ECO, 1986, p. 37).

Essa afirmação reitera a ideia do leitor enquanto sujeito ativo, que mantém uma relação dialética com o autor da obra e, que exerce a função de coparticipante no processo de construção do texto ao deparar-se com os espaços em branco. O texto, e neste caso nos referimos ao texto literário, seria uma obra aberta a diversas interpretações realizadas pelo receptor que seriam implícitas no texto, como vestígios para a leitura, deixados pelo autor. Eco chega a afirmar que nada ‘consola’ mais o autor de um romance do que as leituras não pensadas por ele, mas sugeridas pelos leitores.

No entanto, é válido ponderar que o texto não é aberto a qualquer tipo de interpretação, mas a interpretações possíveis dados os vestígios deixados pelo autor. A leitura, como também nos aponta Antunes (2003, p.77), “envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura”. Ela está condicionada a diversos fatores, não depende somente do contexto linguístico do texto, mas também do contexto sócio e histórico-discursivo, tanto de sua produção quanto de sua circulação.

Sendo assim, a leitura, quer seja do texto oral, quer seja do texto escrito é, pois, “uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”. (ANTUNES, 2003, p.70). É preciso

que se pense a leitura nessa perspectiva ampla, sugerida pela autora. A leitura nos proporciona acesso à informações e consequentemente, conhecimento, inclusive, das peculiaridades da escrita, porém não podemos relegar a segundo plano seu caráter estético e prazeroso nem o fato de que, por meio dela, agimos socialmente.

Ainda no tocante ao caráter dialético implicado do processo de leitura e de escrita o autor Umberto Eco destaca que “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só no processo de contar uma história, como também da própria história” (ECO, 1994, p.7). Essa demarcada existência do leitor no processo desde o processo da produção do texto, nos remete à noção bakhtiniana de linguagem como ‘constitutivamente dialógica’, em que se percebe essa preocupação constante com o outro, à noção de sujeito ativo diante do discurso que assume uma atitude responsiva ativa em relação a ele.

Dada essa compreensão, nos preocupa ainda a existência da “prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para exercitar) uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto”, como nos alerta Antunes (2003, p.26-27). Isto porque, como vimos, tanto a leitura quanto a produção, implicam o diálogo com o outro, posto que é uma atividade interativa, que, como tal, demanda uma relação cooperativa entre dois ou mais sujeitos, como também destaca Antunes (2003).

Dessa forma, como poeticamente expressa Geraldi (1999), o resultado do trabalho de produção se oferece ao leitor num processo dialógico. Nessa tessitura toma-se as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, posto que as mãos que ora tecem refletem e traçam outra história. Segundo o autor, é o entrecruzar destes fios que produz a cadeia de possíveis leituras construindo sentidos em um texto.

Nesse viés, a escrita precisa ser compreendida, ainda, enquanto processo que “compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões”. (ANTUNES, 2003, p.54). No entanto, para que o sujeito seja capaz de tomar as decisões necessárias no ato do processo de produção é mister levar em consideração alguns aspectos levantados por Geraldi (1999). Segundo o autor, ao produzir um texto é necessário que se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;

e ainda, que se tenha a quem dizer, para que o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz e escolhe estratégias para fazê-lo.

Esses aspectos destacados, dentre outros que não nos coube discutir aqui, têm grande importância para o processo de leitura e produção, especialmente, quando buscamos alternativas para o trabalho com a linguagem. Nesse sentido, Citelli (2003), nos orienta que o processo de criação de textos deve estar assentado em passos muito bem definidos pelo professor. O autor parte do princípio de que é necessário desenvolver uma intensa atividade com a linguagem oral, pois as crianças irão participar trazendo para a sala de aula o seu mundo, os seus conceitos, a sua história. A importância desse trabalho é que, segundo Citelli “essa experiência com produção de texto tem demonstrado que o aluno, ao melhorar o seu desempenho linguístico, passa a gostar de ser lido. Por isso, fazemos circular os textos além da sala de aula onde foram escritos.” (CITELLI, 2003, p. 20).

Acreditamos que esta deve ser a postura assumida por quem tem a responsabilidade de mediar o processo de leitura e de escrita, no sentido de que o sujeito leitor/autor, tenha um espaço de diálogo e perceba que a escrita, na diversidade de seus usos, materializados nos mais diversos gêneros textuais, cumpre funções comunicativas, que, conforme destaca Antunes (2003) são específicas e relevantes socialmente. Compreender a diversidade de “formas relativamente estáveis de enunciados”, (BAHTIN, 1997, p. 279) através dos quais agimos socialmente, faz-se essencial uma vez que, além das leis gerais que governam a interação verbal, é preciso refletir sobre a especificidade, nesse caso, do gênero literário, posto que, sua especificidade influencia na determinação dos protocolos de leitura e produção. Assim, a partir do momento em que o leitor/produtor sabe diante de qual gênero está, é capaz de estruturar suas expectativas, de acordo com ele.

Como nos alerta Bakhtin (1997), os gêneros são ‘relativamente’ estáveis, e como atendem às exigências comunicativas de um grupo social, são ‘maleáveis e plásticos’, podendo sofrer mudanças em virtude de seus usos, como também destaca, Marcuschi (2002). Por esta razão, na produção de discursos o indivíduo não deve apenas reproduzir o conteúdo, pois, conforme nos alerta Geraldi (1999) é necessário o reaparecimento de velhas formas e de velhos conteúdos, porém o sujeito deve comprometer-se com sua palavra e articular-se individualmente com a formação discursiva de que faz parte. Pois esse é o caráter da linguagem viva, enquanto meio de interação e sujeita a constantes mudanças em função das necessidades e particularidades sócio histórica e comunicativa

dos sujeitos ativos que dela fazem uso. Mediante a linguagem viva, dialógica e polifônica, adentremos no bosque e o apreciemos.

3 Literatura e vestibular no Ponto BALE–CTI: entre canteiros da leitura e produção

Neste ponto, buscaremos discorrer sobre a atividade desenvolvida pelo programa BALE, em sua 7ª edição, *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*, por meio da qual ofereceu cinco oficinas sobre as obras do vestibular da UERN, destacando como esta atendeu aos objetivos do programa, em especial, o objetivo geral de desenvolver ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI – EB, tendo como estratégia os cinco “Canteiros”: **Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção**, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita).

Com um trabalho com foco na leitura, na formação do leitor e na produção de textos, o principal resultado almejado pela proposta é a formação de proficientes leitores e produtores de textos. Além disso, visa também contribuir com a comunidade, dada a interação já existente com as escolas públicas envolvidas no programa, oferecendo espaço propício para vasto campo de experiências e possibilidades de vivenciar a relação teoria-prática.

O referido programa defende uma concepção de leitura numa visão ampla, concretizada nas mais variadas manifestações o que justifica, nesta proposta, a necessidade de se viabilizar o acesso à leitura e à escrita por meio de diferentes linguagens. Conforme as propostas de trabalho sistematizadas nos planos de cada oficina, percebemos que este objetivo foi alcançado com sucesso. Conforme quadro síntese das estratégias utilizadas nas oficinas, atingiu-se esse objetivo, uma vez que em suas estratégias utilizaram-se de encenações, exibição de filme, apresentação de sarau, júri simulado, debates, dentre outros, conforme podemos observar:

Quadro 2 - Resumo das estratégias desenvolvidas nas oficinas oferecidas na ação *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*

OFICINAS	ESTRATÉGIAS
O SOMBRIO NA VIDA E OBRA DE AUTA DE SOUZA	• Declamação das principais poesias da obra; • Análise dos poemas apresentados. • Leitura, interpretação e produção escrita a partir da aplicação de simulado de vestibulares com perguntas sobre a obra O Horto.
A ROSA DO POVO OFERTADA AOS VESTIBULANDOS	• Apresentação de alguns poemas em forma de sarau; • Leitura, interpretação e produção escrita a partir da aplicação de simulado de vestibulares com perguntas sobre a obra A rosa do povo.
LAÇOS DE FAMÍLIA – DE CONTO EM CONTO	• Encenação Teatral com o conto “Laços de Família” • Aprofundamento com a obra mediante as questões de vestibulares anteriores

	• Discussão das questões.
FOGO MORTO: ENTRE O ROMANCE E O FILME	• Apresentação da obra; (Obra dividida em três partes – Encenação da 1ª parte, apresentação oral da 2ª e da 3ª parte). • Apreciação do filme “Fogo Morto”; • Questionamento oral sobre a existência ou não de semelhanças entre o filme e o romance; • Divisão da sala em três grupos (cada grupo ficará com uma parte da obra e deverá defender um personagem);
ESAÚ E JACÓ: O DUPLO NA OBRA MACHADIANA	• Apresentação da obra e contexto histórico e encenação da obra e comentário crítico da obra

Fonte: Baseado em arquivo do Programa BALE, 7ª Edição, PONTO BALE_CTI_EB (Ciência Tecnologia e Inovação na Educação Básica).

Guiados por essas estratégias, o passeio por pelas obras, por meio das oficinas, possibilitou o contato com o mundo da literatura, mediante a leitura e organização de peças teatrais de obras literárias através do **Canteiro Encenação** (BALE_Em_Cena), tendo como estratégia as Artes Cênicas e Circenses, como é objetivo do programa, bem como a importância da diversidade de estratégias de trabalho com a obra em função de sua especificidade exigida pelo gênero textual predominante, conforme nos alertam os autores Bakhtin (1997), Antunes (2003). Assim, cada oficina, em função da obra trabalhada, desenvolveu estratégias adequadas ao gênero predominante da obra e aos objetivos traçados em cada plano de ação que se resumem em: (i) discutir sobre aspectos gerais e específicos que sustentam a obra (autor, movimento literário, título, linguagem, contexto histórico, estrutura da obra); (ii) desenvolver estratégias de leitura, produção e análise da obra; (iii) compreender o conceito de mídia, bem como as especificidades e as diferenças entre as mídias livro e filme.

Destacamos aqui o papel das ferramentas tecnológicas, especialmente nas oficinas (i) “O sombrio na vida e obra de Auta de Souza”, com a apresentação de um documentário sobre a autora Auta de Souza; (ii) “Fogo morto: entre o romance e o filme” com a exibição de filme; o que permite levar os alunos a refletirem sobre a relação entre livro e o filme, observando portanto, a maleabilidade dos gêneros, conforme nos lembram Bakhtin (1997) e Marcuschi (2002), em função de seu contexto de produção, circulação e inovação tecnológica porque passa a sociedade; (iii) todas as oficinas se utilizaram de recursos digitais como notebook, projetor de multimídia, câmera digital, uma vez a apresentação dos aspectos mais relevantes relacionados ao conhecimento da obra, englobando contexto histórico e caracterização da obra, vida e obra do autor foi feito por meio de apresentações do Power Point e, ainda, foram gravados alguns vídeos de depoimentos dos participantes sobre a obra conhecida na

oficina. Vale ressaltar a importância do conhecimento dos principais aspectos relacionados às obras uma vez que, como nos aponta Eco (1994, 1986) o texto carece do leitor para preencher seus espaços em branco, embora também tenha sua margem de leitura unívoca. O leitor pode passear num bosque pelo prazer, sem a pretensão de ir a um lugar definido, como também pode fazer passeios induzidos pelo autor e acrescentamos, pelo mediador também.

Outro ponto que podemos destacar sobre essas estratégias, é a consideração do papel do leitor sobre a obra, posto que lhe foi dado espaço para debater, dialogar, questionar, comparar, no caso de Fogo Morto o romance com o filme, interpretar a obra sob diferentes olhares, perspectivas o que se faz necessário, já que, como nos alerta Eco (1994), o leitor é ingrediente fundamental de uma história o que nos remete também a noção de dialógica de Bakhtin (1997) que demarca a existência, influência do outro, sujeito ativo, responsivo, sob meu discurso.

Nesse passeio, proporcionado pelas oficinas, tivemos o contato com a leitura através de obras literárias diversas, utilizando-se como estratégia o **Canteiro Contação** (BALE_Ponto_de_Leitura) e com a produção textual, via reconto oral/escrito. Como destacamos, todas as oficinas apresentaram uma proposta de produção escrita e oral que consistiu na apresentação de um comentário geral sobre a obra trabalhada na oficina, no qual o autor enfocaria aspectos relacionados a seu contexto histórico, principais temas abordados, bem como a peculiaridades do autor da referida obra. Com essa proposta, os alunos tiveram a oportunidade de dialogar com a obra trabalhada na oficina, reconta-la e direcionar um olhar crítico sobre a mesma, conforme aspectos apresentados pelos ministrantes.

Destacou-se, assim, uma prática de leitura e produção não destituída de sua função e valor interacional, pois se estabeleceu a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e os leitores do texto, como sugere Antunes (2003). Assim, foram contempladas as duas modalidades, oral e escrita, o que consideramos relevante uma vez que estas, embora guardem cada uma sua particularidade em função do objetivo de comunicação, do contexto e do gênero textual em que se materializa o texto e que, como vimos, foram diversos (romance, conto, poema, filme), como nos alertam Fávero (2009), Koch e Elias (2009), Marcuschi (1995), não podem ser consideradas isoladamente, pois são dependentes um do outro, ou seja, considerado seu caráter dialógico, o processo de escrita envolve o processo da leitura, conforme também nos lembra Sartre (1999).

Essa experiência demonstra o que autor vem nos alertar sobre a necessidade de se desenvolver uma atividade intensa com a linguagem oral, para que os sujeitos participem da situação de comunicação em sala de aula, neste caso, durante a realização das oficinas em que os participantes interagiram, trazendo o seu mundo, os seus conceitos, a sua história, a sua forma de ler e interpretar o texto literário e até mesmo escrever sobre ele. A importância desse trabalho é que influencia na melhoria do desempenho linguístico do aluno que, segundo Citelli (2003), passa a gostar de ser lido e acrescentaríamos que de ler, ser lido e ser ouvido.

Imagem 1 - Registro fotográfico da execução de estratégias da ação *Literatura e vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB*



Fonte: Arquivo fotográfico do Programa BALE, 7ª Edição, PONTO BALE_CTI_EB (Ciência Tecnologia e Inovação na Educação Básica).

As oficinas, portanto, consistiram numa oportunidade dialógica, por um lado, permitindo o diálogo dos bolsistas ministrantes das oficinas com o texto, com o autor e com outros leitores, tornando-se capazes de disseminar suas leituras, orientando a leitura de outrem e, por outro; por propiciar aos alunos participantes, o conhecimento e, em alguns casos, também o compartilhamento de obras literárias, de seus múltiplos significados e múltiplas maneiras de abordagem e recepção, por meio de diferentes estratégias de leitura e produção desenvolvidas, conforme ilustra a imagem 1.

4 Sobre o ponto de chegada: o que trouxemos como bagagem

Nosso passeio até aqui teve como ponto de parada o *PONTO_BALE_CTI_EB*, do Programa BALE (Biblioteca e Ambulante e Literatura nas Escolas), mais especificamente na atividade desenvolvida pelo programa BALE, *Literatura e*

vestibular no PONTO_BALE_CTI_EB, buscando compreender como esta atendeu aos objetivos do programa, em especial, o de desenvolver ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI – EB, tendo como estratégia os cinco “Canteiros”: **Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção**, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita).

Mediados pelo olhar de diversos estudiosos da área, vislumbramos o caminho do bosque explorado com a visão de leitura pós-moderna, abrangente que considera as múltiplas leituras de um texto, observando a leitura autorizada, compreendendo a existência de diferentes leituras em virtude da influência do sujeito leitor, mediante sua inscrição histórico social e cultural e não desvinculada da escrita. Nesse passeio observamos que o BALE cumpriu seu objetivo maior de viabilizar o acesso ao texto literário, bem como a outros suportes e gêneros, bem como, disseminar o gosto pela leitura, a formação de novos leitores e mediadores de leitura.

Para tanto: (i) proporcionou capacitação da equipe executora (professores supervisores, estudantes de licenciaturas, alunos da Iniciação Científica Júnior e bibliotecários), através do **Canteiro Formação** (BALE_Formação), tendo a Arte Educação como estratégia de disseminação para novos multiplicadores da proposta, conforme observamos atuação dos mesmos nas oficinas, após passarem por capacitação antes da realização das oficinas; (ii) Ampliou o acesso à leitura e à escrita e o interesse dos leitores por obras literárias, através do **Canteiro Ficção** (Cine_BALE_Musical), mediante articulação entre Cinema e a Escrita como Artes privilegiadas; (iii) propiciou a produção escrita dos envolvidos nas oficinas para divulgação através do **Canteiro Informação** (BALE.Net), das diversas atividades desenvolvidas, mediante a Arte Digital (blog, web e redes sociais), já em desenvolvimento por meio do blog: <http://projetobaleuern.blogspot.com> e, enfim, (iv) desenvolveu ações inovadoras, com o auxílio das ferramentas CTI – EB, tendo como estratégia os cinco “Canteiros”: **Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção**, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita), como pudemos observar nas estratégias traçadas por cada oficina, contemplando o objetivo de cada canteiro estratégia que contempla as diferentes artes, tais como, a literária, artes cênicas e circenses, arte-educação, arte cinematográfica aliada a musical, bem como a arte digital, propiciando o desenvolvimento das habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita).

Escolhemos, pois, falar dos passeios que o leitor é induzido a dar pelas estratégias do mediador, representado pelo programa BALE que busca adquirir meios para oferecer acesso direto aos alunos desses municípios, tornando-os proficientes leitores e produtores de textos, com base em diversos gêneros textuais. Podemos dizer que ele vem conseguindo plantar muitas sementes por meio dos tantos semeadores que tem conquistado, tornando o bosque da ficção cada dia mais colorido e prazeroso de se visitar e, portanto, mais habitado.

Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins, 1997.

CITELLI, B. **Produção de textos no ensino fundamental**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção aprender e ensinar com textos, v.7).

ECO, U. O leitor-modelo. In: —. **Lector in fabula**. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 37.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G.O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, M.T. A; COSTA, R.(Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais e ensino: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002. p. 7-36.

SARTRE, Jean-Paul. Was ist Literatur? IN: **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 2. ISER, Wolfgang. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.